



Aprendizagens colaborativas em rede: possibilidades interculturais.¹

Claudia Regina Castellano Losso²

Katyúscia Sosnowski³

Martha Kaschny Borges⁴

Universidade Estadual de Santa Catarina

Resumo

Esse artigo visa analisar as práticas educativas socioculturais efetivadas por meio de um ambiente virtual de aprendizagem concebido para a realização de atividades de intercâmbio entre alunos e professores de culturas diversas, na perspectiva da interculturalidade. Parte-se do pressuposto que uma prática intercultural em meio digital pode ser um fator positivo de criação de identidade de grupo, de aprendizagem colaborativa e de recriação da própria cultura. Iniciamos o tema com uma visão sobre as mudanças na sociedade a partir das inserção das tecnologias de informação e comunicação, e a seguir discutimos os conceitos de cultura, multi e interculturalismo, e de como o Brasil tem abordado o tema na educação formal. Refletindo como a educação pode se integrar à sociedade digital, apresentamos como um programa intercultural pode se desenvolver em um ambiente virtual de aprendizagem.

Palavras-chave

Interculturalidade; Aprendizagem Colaborativa; Cultura; Cibercultura.

Abstract

This article aims to understand how an intercultural virtual learning environment, as an opportunity to set up a socio-cultural educational practice, can approach students and teachers from diverse cultures. Through pre-defined activities with the support of the Information and

¹ Artigo científico apresentado ao eixo temático “Educação, Processos de Aprendizagem e Cognição”, do IV Simpósio Nacional da ABCiber.

² Mestranda em Educação (linha Educação Comunicação e Tecnologia) PPGE -UDESC, Especialista em Gestão da Inovação – ENMSE/França, Especialista em Psicopedagogia – UNISUL, Especialista em Gestão das Tecnologias na Educação – UDESC. Graduada em Educação Artística – UDESC e Pedagogia – UFSC. Membro do grupo de pesquisa CNPq Educação a Distância. claudiarcl@yahoo.com.br.

³ Doutoranda PPGIE/UFRGS, Mestre em Artes Visuais PPGAV - UDESC, Especialista em Arte/Educação e Tecnologias Contemporâneas pela UnB. Membro do grupo de pesquisa CNPq Educação Arte e Inclusão. kaluhe@gmail.com.

⁴ Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, FAED/UDESC, Doutora em Educação Université Pierre Mendès France. Líder do grupo de pesquisa Educação a Distância – /UDESC CNPq. marthakaschny@hotmail.com



Communication Technologies – ICT we start this argument from the presupposition that a cultural practice in digital media can be a positive factor for creation of group's identity, collaborative learning and re-creation of ourselves culture. We begin the issue with an insight into the changes in society from the integration of information and communication technologies, and then discuss the concepts of culture, multi-and interculturalism. Reflecting how education can join the digital society we present how an intercultural program can develop in a virtual learning environment.

Key words

Interculturalism, Collaborative Learning, Culture, Cyberculture.

Introdução

A globalização está batendo à nossa porta, por todos os meios, seja por meio do mercado cada vez mais consumista, reflexo de uma sociedade capitalista, ou das mídias que carregam em si força capaz de reproduzir, definir e moldar modos e padrões de vida e valores.

Nesse processo de globalização a mudança nas formas de comunicação tem sido um dos fatores de maior impacto. Hoje a sociedade da informação, anunciada por Manuel Castells em seu livro “A Sociedade em Rede” (1999), é o lugar onde tudo acontece, e é imediatamente divulgado, compartilhado e reelaborado. A informática e a conectividade mudaram para sempre os rumos da sociedade e com a evolução das Tecnologias de Informação e Comunicação - TIC, invadindo os lares, instituições e empresas, o mundo vem se transformando, configurando novas formas de comunicação e interferindo nas relações sociais.

Durante a história da humanidade a sociedade tem acompanhado a transformação dos instrumentos, das técnicas, do trabalho, e do pensamento e sido afetada diretamente por elas. No livro “O mundo é plano” de Thomas L. Friedman⁵, o autor constata que as transformações tecnológicas e principalmente as que envolvem a comunicação vêm contribuindo com o “achatamento” do planeta, aproximando pessoas, rompendo fronteiras e quebrando paradigmas. Alguns autores como David Lyon (1992), Castells (1999) e Pierre Lévy (2000) afirmam que as sociedades que incorporam as tecnologias de informação e comunicação à sua vida cotidiana, profissional e social, impulsionam a economia local melhorando a qualidade

⁵ O best-seller de Thomas L. Friedman (2005) relata como a globalização e as tecnologias estão modificando as relações comerciais e sociais no mundo inteiro e em especial na Índia e na China.



de vida de seus cidadãos. Também crêem que os benefícios dos resultados do uso das TIC e principalmente da Internet podem trazer à tona uma sociedade transformada: a sociedade do conhecimento, onde a tecnologia está fortemente aliada ao sentido positivo de democracia possibilitando o pleno exercício da cidadania.

Esse novo paradigma visa uma sociedade mais pacífica, solidária e compreensiva, e que percebe na educação o grande catalisador desse processo de mudança onde o intercâmbio cultural entre diferentes povos e etnias, pode favorecer a compreensão, o respeito, a construção de diversas culturas, desenvolvendo assim uma convivência mais humana, respeitosa e solidária entre os povos. Evangelista (1999 apud UNESCO, 1990, p. 34) em sua tese de doutorado intitulada “UNESCO e o mundo da cultura”, relata que na década de 1990, a questão racial motivou nova Declaração dos Princípios sobre a Tolerância, proclamada e assinada em 1995, onde a educação e as novas tecnologias educativas são evidenciadas como meios eficazes na formação de “cidadãos solidários, abertos a outras culturas, capazes de apreciar o valor da liberdade, respeitar a dignidade dos seres humanos e suas diferenças”.

A cultura, a multi e a interculturalidade

Percebe-se que não há um conceito totalizador sobre o termo cultura. Autores de diferentes linhas do conhecimento abordam o tema, buscando conceituá-la considerando a multiplicidade de grupos de seres humanos e, o que, esses sujeitos compartilham em seu espaço e tempo. Xavier Albó (2005), afirma que existem dois tipos de cultura: a Universal, que seria o conjunto de características adquiridas pela aprendizagem descartando qualquer determinismo biológico, e a Específica, na qual essa aprendizagem seria compartilhada por um determinado grupo social.

Para Maria da Graça Setton, o conceito de cultura vai mais além, e “expressa um conjunto de condições sociais de produção de sentidos e valores que ajudam na reprodução das relações entre grupos, que auxiliam na transformação e na criação de novos e outros sentidos e valores.” (SETTON, 2010, p. 19)

Os termos multicultural e intercultural também são, muitas vezes, confundidos e abordados de forma indistinta. Entretanto é possível diferenciá-los entre si e, dentro de cada termo, ainda são possíveis muitas outras divergências conceituais.



A multiculturalidade pode ser entendida como sendo, a partir do conceito de cultura, o ideário de grupos humanos que pertencem a uma mesma sociedade e que possuem particularidades culturais, sociais, ideológicas e religiosas em comum. Por multiculturalismo pode-se ainda, perceber uma série de processos e estratégias sempre inacabados e, assim como existem distintas sociedades multiculturais, também existem distintos multiculturalismos e diversas correntes teóricas discutindo o tema. Isso não significa, entretanto, uma convivência pacífica e harmoniosa entre os grupos, mas sim uma constante tensão em graus diferentes. Em comum, seriam os enfoques nos movimentos contra a segregação racial primeiramente em países norte-americanos, e recentemente na Europa e na América latina. Tal abordagem dá maior ênfase ao viés social ideológico e político. (SILVA, 2001, SHOHAT, 2006).

Com relação ao conceito de interculturalidade verifica-se que esta pode ser entendida como sendo qualquer relação que ocorra entre pessoas ou grupos sociais de culturas diferentes (XAVIER ALBO, 2005, p. 47). Para o autor, a interculturalidade pode ocorrer de forma negativa no sentido de aniquilação ou assimilação de uma cultura por outra, ou positiva, quando existe o respeito e o enriquecimento mútuo das diferentes culturas. Coppete (2007) nos convida a refletir sobre uma perspectiva que articule diversidade, multiculturalidade e interculturalidade. Isso implicaria em uma tessitura de ações que levariam em conta questões como a globalização e a coletividade.

No âmbito educacional entende-se que, uma educação intercultural pode promover a [...] exteriorização e a abertura para o acesso a outras realidades culturais sem, contudo, perder as características identitárias de cada pessoa e de cada contexto. (COPPETE, 2007, p.121). Para tanto é possível criar mecanismos pedagógicos e educativos em ambientes virtuais de aprendizagem que propiciem uma interação dialógica entre culturas, num clima democrático que defenda o direito à diversidade no marco da igualdade de oportunidades. Esses ambientes podem promover questões de identidade e alteridade, onde reconhecer-se a si mesmo e ao outro tenham um significado positivo de crescimento, criando “intercâmbios construtivos” entre diferentes grupos culturais. (XAVIER ALBÓ, 2005, p. 48).

A questão intercultural no Brasil começa a ser abordada de forma mais sistemática na educação a partir da década de 90, incluindo o tema voltados no ensino de artes, literatura e história. O Ministério da Educação e Cultura - MEC e Secretarias Estaduais brasileiras

desenvolveram políticas voltadas para o ensino de arte multicultural, mesmo que não utilizassem essa nomenclatura como a Lei 10.639/2003, a qual inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade dos conteúdos de história da África como as lutas e a cultura dos negros no Brasil e suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. Uma educação multi ou intercultural pode abordar todos esses aspectos incluindo as realizações de culturas não dominantes ampliando seu contato com a pluralidade, abrindo-se para a riqueza cultural da humanidade, reconhecendo os sujeitos em suas peculiaridades étnicas e culturais.

A relevância desse tema encontra subsídios quando temos em nossa história recente fatos típicos de preconceito étnico e racial, bem como de classe social ou de opção sexual. A intolerância quase sempre provocada pela ignorância é uma das principais causas dos conflitos e encontra em determinados grupos sociais aspectos de um posicionamento etnocêntrico. O etnocentrismo tem como princípio considerar a superioridade de determinados grupos ou sociedades quando em comparação com outros grupos humanos e sociedades. Essa forma de análise e comparação entre grupos distintos onde existe uma referência única de julgamento e que prevalece subjugar a diversidade cultural, bem como desprezar valores e crenças do que lhes é diferente, pode ser considerada preconceituosa e que pode levar a atitudes racistas.

Educar para a multiculturalidade é papel fundamental da escola no sentido de possibilitar o conhecimento de culturas, crenças, características de outros grupos sociais, por meio de ações pedagógicas voltadas para a pluralidade cultural. Numa proposta de ampliar a visão sobre o tema, o Governo brasileiro resolve elaborar os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, que tratam o assunto de forma crítica preconizando uma sociedade mais democrática. Em 1997 a Secretaria de Educação Fundamental do Governo Federal, ao elaborar os PCN, estabeleceu um volume que trata especificamente do tema pluralidade cultural e orientação sexual, e traz como uma de suas premissas “conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais” (BRASIL, 1997, p. 6).

Assim, os PCN tratam sobre o tema da diversidade cultural procurando reconhecê-lo e valorizando-o, buscando a superação das discriminações. Para tanto preconiza que é



“imperativo o trabalho educativo voltado para a cidadania, uma vez que tanto a desvalorização cultural — traço bem característico de país colonizado — quanto a discriminação são entraves à plenitude da cidadania para todos e, portanto, para a própria nação”. (BRASIL, 1997, p. 20).

Essa preocupação do Governo Federal se traduz na fala de Serrano (1996) sobre as sociedades multiculturais:

As sociedades multiculturais devem caminhar em direção a interculturalidade entre os diversos povos e grupos. Caminhar em direção ao conhecimento e à compreensão das diferentes culturas e ao estabelecimento de relações positivas de intercâmbio e enriquecimento mútuo entre os diversos componentes culturais dentro de um país e entre as diversas culturas do mundo. Dada esta tendência em direção a uma maior diversidade cultural, fomentar a interculturalidade significa superar de vez a assimilação e a coexistência passiva de uma diversidade de culturas para desenvolver a auto-estima, assim como o respeito e a compreensão aos outros. (SERRANO, 1996, p. 216).

De acordo com Dias (2008), “o interculturalismo é uma maneira de intervenção diante do multiculturalismo que tende a colocar a ênfase na relação entre culturas. Pluriculturalismo é outra maneira de intervenção que dá ênfase à manutenção da identidade de cada cultura”. Perguntamos então, como devemos analisar essa questão na sociedade digital a qual estamos inseridos na atualidade?

Novas configurações na sociedade digital

A sociedade da era do conhecimento está inserida num contexto no qual as tecnologias fazem parte do cotidiano das atividades das pessoas, configurando uma sociedade tecnológica, o que, para Pierre Lévy (1999) seria o terceiro pólo do espírito humano. O primeiro pólo, segundo o mesmo autor, seriam as sociedades orais, ágrafas e acústicas, que são regidas pela oralidade e onde a transmissão do conhecimento ocorre por meio da tradição e da repetição. O segundo pólo se refere às sociedades na era da escrita, onde o conhecimento é possível somente para aqueles que são leitores. A linguagem escrita passa ocupar lugar de prestígio social em detrimento da oralidade. É a era da prensa e dos livros que transformam as formas de comunicação. Enfim, o terceiro pólo do espírito estaria configurado pela sociedade tecnológica e totalmente inserido no mundo do ciberespaço. Essa sociedade surge com a descoberta da eletricidade e mudou radicalmente os meios de comunicação com a chegada do telégrafo, do rádio, da televisão e do telefone. A destribalização imposta pela escrita é agora redefinida num retorno a tribo, por influência das mídias. McLuhan (1977) teórico da



comunicação denominou de “aldeia global” esse retorno à tribo, mesmo antes da chegada da Internet. Nesse pólo a informação se produz por meio de aparatos tecnológicos como *SMS*, *IPAD*, *IPOD*, por meio de redes de computadores e dos recursos da *WEB 2.0*. Estas tecnologias digitais instauram um novo modo de relações interpessoais por meio das redes sociais. O hipertexto é talvez o maior símbolo dessa era digital, difundida como uma nova forma de escrita e comunicação não linear. Muda-se o papel de autor solitário, único e individual para o conectado, agora plural e coletivo, transformando para sempre a produção escrita. O texto agora tem maior mobilidade podendo ser escrito, publicado e distribuído; depois pode ser contestado, cortado, comentado, “linkado”, reutilizado e, simultaneamente a tudo isso, novamente publicado e distribuído por meio da Internet que possibilita a socialização de leituras e escritas de todas as pessoas conectadas no espaço digital, o ciberespaço⁶. (LÉVY, 1999, p. 27).

É chegada a era da interatividade digital, síncrona ou assíncrona, por meio de *chats*, *e-mail*, listas de discussão e fóruns, aproximando distâncias antes intransponíveis e proporcionando a construção coletiva do conhecimento.

Hoje, essa sociedade tecnológica caminha a um novo conceito, que alguns autores cunham de “sociedade digital” elevando substancialmente o nível de interação entre os sujeitos. As redes sociais aparecem como objetos culturais, criando identidades e determinando comportamentos. É nessa sociedade que nossas crianças nasceram, ou nascem e vivem dando origem a uma nova geração, conhecida como geração Y, ou mesmo geração *Millenium*⁷. Hoje os “nativos digitais” termo cunhado por Mark Prensky em 2001, representam essa juventude, que pensa e aprende diferente e, conseqüentemente, se pode inferir que estes sujeitos esperam uma escola diferente. As conexões que esses jovens fazem,

⁶ Palavra de origem americana, empregada pela primeira vez pelo autor de ficção científica William Gibson, em 1984, no romance *Neuromancien*. O ciberespaço designa ali o universo das redes, como lugar de encontros e de aventuras terrena nos conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultura. (LÉVY, 2000, p. 10)

⁷ Pesquisa da Accenture (empresa global de tecnologia, consultoria e outsourcing) realizado com mais de 400 estudantes e profissionais dos Estados Unidos de três faixas etárias diferentes – 14 a 17 , 18 a 22 e 23 a 27 anos e revelou como os jovens gostam de ser denominados – Geração Y ou *Milenium*; são jovens que definem quais tecnologias esperam utilizar no local de trabalho e apostam no trabalho colaborativo, em rede.

representam muito mais que um tempo pós-moderno, representam um novo modo de construir e de se apropriar do conhecimento, de tomar decisões, de opinar sobre temas diversos, de interagir com o outro.

Todas estas novas formas e espaços de interação e de produção do conhecimento e de cultura constituem o ciberespaço, que pode ser caracterizado como o espaço virtual onde informações são trocadas num processo interativo e num ambiente digital. Esse é o espaço da Internet, onde as redes sociais se expandem a ponto de interferir nas relações econômicas mundiais, criando novas formas de comércio e ditando regras de mercado.

É aqui que a educação se encontra dividida entre as antigas práticas pedagógicas baseadas na relação unidirecional (um-um) entre os atores e o papel centralizador do professor como único detentor do saber, para uma nova perspectiva de educação, na qual o professor surge comum mediador da informação e as relações entre os sujeitos são polidirecionais (todos-todos) e cada indivíduo é parte integrante de um sistema maior. (BORGES, 2007, p. 85)

A figura abaixo demonstra os tipos de modelos educacionais do passado (A), do presente (B) e do futuro (C). Percebe-se que o nível de interação entre alunos e professores vem se alterando a caminho de uma nova configuração de educação baseada num paradigma emergente, onde os sistemas especialistas e a base do conhecimento promovem a interação em fluxos entre todos os atores, onde não é mais possível o papel dominador da autoridade do professor como único detentor do saber.

Figura C
Figura A



Figura B

Esse ambiente digital favorece a troca cultural ao conectar sujeitos com interesses em comum. A escola tem papel fundamental na formação de seus alunos, podendo ser o grande



diferencial no que se refere a programas que incentivem a diversidade cultural, como agente mobilizador desse processo.

A interculturalidade no ciberespaço – possibilidades de ação pedagógica

O ciberespaço propiciou um novo local de troca de informações, de encontro, criando novos modelos de sociabilidade onde o diálogo e as trocas comunicativas são intensas. Esse espaço é muito tolerante no sentido de aceitação de diferentes formas de linguagem e expressão. A mudança significativa de formas de pensar, agir e se comunicar produzem cultura, e nesse caso, nesse espaço, a cibercultura. A escola ainda está no mundo concreto, presencial, e se encontra diante de um desafio: permanecer no conforto e segurança de suas salas de aulas, ou adentrar nesse mundo novo, sem volta, do ciberespaço.

Diante disso, a troca de experiências e vivências concretizadas em ações pedagógicas que privilegie a interação, a colaboração, a pesquisa, a publicação de forma cooperativa em um ambiente virtual de aprendizagem, podem proporcionar a construção coletiva e compartilhada do conhecimento, de maneira significativa para o grupo de alunos envolvidos, possibilitando uma aprendizagem colaborativa e mudanças positivas nas estruturas cognitivas, reorganizando suas formas de aprender.

Para falar de interculturalidade no âmbito escolar num contexto virtual de aprendizagem, é preciso compreender alguns conceitos como algumas definições de ambientes virtuais de aprendizagem. Uma prática intercultural em um Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA pressupõe um paradigma de educação emergente, que sob uma nova perspectiva de interação entre os sujeitos no âmbito da escola podem emergir situações pedagógicas criativas que proporcionem novas formas de produção do conhecimento.

Os espaços educativos, sejam eles presenciais ou virtuais, são um ambiente propício para que ocorra a interação de forma mediada pelo professor e pelas TIC e podem oportunizar a criação de projetos entre os envolvidos e sedimentar possibilidades de construção identitária. A identidade entendida como fator de busca de valores e práticas socialmente e historicamente determinadas de um dado grupo social, onde a cultura expressa “um conjunto de condições sociais de produção de sentidos e valores que ajudam na reprodução das relações entre os grupos, transformando e criando novos e outros sentidos e valores”



(SETTON, 2010 p. 19). Essa troca cultural promovida pela interação entre os sujeitos faz sentido quando trata de reconhecer no outro suas qualidades, valores e práticas respeitando e compreendendo o outro sob o ângulo da alteridade.

Programas educativos que contemplem a interculturalidade colocam em questão as diversas concepções de ensino e aprendizagem, principalmente quando as referências ainda são fortes no âmbito da modalidade presencial. Contudo, diante de uma nova ótica que contemple as TIC como possibilidades de transformação nesses campos, podemos vislumbrar que conceitos como o de espaço de aprendizagem e aprendizagem colaborativa podem ganhar novas elaborações, especialmente porque as atividades propostas se realizam por meio de um ambiente virtual de aprendizagem construído especificamente para este programa.

Assim, se faz necessário uma breve discussão sobre estes ambientes.

Ambiente virtuais de aprendizagem e a interculturalidade

Os ambientes virtuais colaborativos de aprendizagem redefinem o papel do aluno e do professor, pois a sua relação com o outro será o principal agente de transformação de seu aprendizado no sentido individual e coletivo, reconfigurando uma nova forma de aprender socializado. Nesse sentido, a descentralização do papel do professor reflete mudanças de posturas e de práticas pedagógicas exigindo, além de mais disponibilidade para com o aluno, um desdobramento de tempo maior com o planejamento e avaliação constante das atividades propostas e elaboração de projetos coerentes com a nova prática (PALLOFF e PRATT, 2002, p. 57)

Nesse sentido, também, a partir dessas práticas interculturais, a aprendizagem colaborativa se faz de forma mais espontânea, e menos impositiva como pretendem alguns “modismos” educativos que utilizam as TIC como base, sem perder a intencionalidade expressa no projeto pedagógico. A possibilidade de se criar uma identidade coletiva na rede, por meio de ambientes virtuais de aprendizagem sem “avatares” que possam mascarar intenções, pode transformar os olhares, aproximar culturas, criar novas identidades e ampliar horizontes.

Hoje, mandar uma mensagem e-mail se tornou uma tarefa rotineira entre jovens e adultos, mudando para sempre a forma de se comunicarem. *Chats*, fóruns, e-learning, e-

commerce, cursos a distância mediados pelo computador, vídeo-conferências em tempo real, e outras possibilidades das TIC, são usados em empresas, escolas e residências em todo o mundo, fazendo com que milhões de pessoas possam, de alguma maneira, estar interligados e criando novas possibilidades de trabalho, informação, lazer e conhecimento.

Toda essa nova possibilidade de comunicação leva ao caminho de uma sociedade do conhecimento, em que o fluxo de informações é a base estruturante que precisa ser decodificada, reelaborada e apropriada. Assim como o conhecimento e a aprendizagem agora são fundamentais nas organizações, os sistemas educacionais de ensino que também apostam nesse novo paradigma de sociedade investem em ações sistêmicas de difusão do uso das TIC e, por meio destas, da interatividade em Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA).

Aqui cabe salientar o conceito de Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA como um espaço virtual desenvolvido especificamente em plataformas para fins educativos onde as várias atividades propostas promovem a aprendizagem. Esses ambientes podem promover a autoaprendizagem, numa perspectiva centrada no aluno, numa relação de pouca interatividade com outros alunos e com o professor, ou então numa perspectiva de colaboração, onde a aprendizagem ganha sentido na interação com o outro, numa relação de comunicação muito mais ampla.

O ambiente virtual deve ter foco no relacionamento entre seus usuários para que se estabeleçam vínculos sociais a partir dessa relação de interação, visando à aprendizagem que surgirá resultante da troca de conhecimento entre os sujeitos. A caracterização da prática da interculturalidade se refletirá na qualidade de trabalhos propostos aos grupos, que se desenvolverão em torno de temas específicos que envolvam questões culturais de seus lugares de origem, valores e identidade.

Um ambiente virtual voltado para a interculturalidade poderá considerar os seguintes aspectos: interface, conteúdos, metodologia, relacionamento, aprendizado, produção e co-produção.

- ❖ Interface: ambiente que possibilite a troca de informações de forma clara, direta, organizada, ergonomicamente pensada para o uso determinado;
- ❖ Conteúdo: informações gerais sobre o tema/foco do ambiente, artigos ou textos sobre o tema específico a ser abordado; entretenimento; imagens; audiovisuais; etc.;

- ❖ Metodologia: A troca constante de informações essas que poderão ser organizadas e sistematizadas pelas ferramentas e recursos do AVA, além da mediação síncrona e assíncrona realizada por um professor mediador.
- ❖ Relacionamento: visa o estreitamento das relações sociais, ou seja, a possibilidade de criar vínculos sociais com outras pessoas e/ou organizações. Desta forma, faz-se necessário definir e promover as ferramentas que permitirão tal interação, instigando os sujeitos a participar, fortalecendo-a.
- ❖ Aprendizado: é necessário identificar quais processos cognitivos os alunos estão desenvolvendo e a partir disso, modificar esquemas mentais; verificar quais ferramentas facilitam ou emperram este processo.
- ❖ Produção e co-produção: o ambiente deve proporcionar espaços e condições aos alunos e professores a serem autores e co-autores, em todas as formas de linguagens utilizadas.

A questão de produção e co-produção remete à condição defendida por Borges (2007) sobre a presencialidade num ambiente virtual, no qual se avalia a participação do aluno mediante o grau de interação entre ele e os demais usuários (alunos-alunos, alunos-professores,) e a qualidade das publicações por ele realizadas em colaboração ou individualmente. Não basta estar “logado” ao sistema, mas é necessária uma efetiva participação nas atividades, discussões, fóruns e *chats* propostos.

Nessa nova perspectiva de educação de um paradigma emergente, a avaliação é fundamental (como em toda e qualquer atividade, seja ela educativa ou não) pois permite rever as estratégias tomadas durante o andamento do projeto ou das atividades. Deve ser processual, acompanhando cada fase ou etapa e também utilizada no sentido de ampliar repertórios culturais e/ou replanejar as atividades.

Considerações finais

Se estamos imersos em uma sociedade conectada por celulares, computadores e outras tecnologias digitais, como a educação pode se apropriar dessas novas formas de conexão e comunicação? Nesse artigo levantamos alguns pontos fundamentais que podem se desenvolver em grandes projetos interculturais no ciberespaço. Muito ainda precisa ser feito para que as escolas estejam realmente equipadas com tecnologias de boas conexões à rede mundial, além de equipar escolas com um número suficiente de computadores para uso dos



alunos e professores, entretanto, grandes conquistas já estão sendo vivenciadas no que tange às políticas públicas de inserção das tecnologias nas escolas, capacitações aos professores e acesso dos estudantes à Internet e comunidades virtuais.

Como a escola pode se apropriar desse espaço tão propício a trocas de informação e cultura? Para elaborar um projeto de educação intercultural em ambientes digitais é necessário um planejamento adequado à realidade dos grupos sociais envolvidos. É preciso verificar quais estratégias adotar, qual o melhor momento das abordagens e quais recursos tecnológicos são os mais apropriados. Esses aspectos são fundamentais, entretanto, o que de fato tornará um projeto de educação intercultural um sucesso será o resultado da qualidade das interações entre agentes/agentes e agentes/conteúdo, que podem proporcionar aos estudantes uma construção de conhecimento de forma coletiva. Acredita-se que projetos que envolvam as trocas interculturais em ambientes virtuais possam promover um cenário complexo [...] tramado por múltiplas relações de poder construídas ao longo da história fortemente edificada por desigualdades e estereótipos raciais e culturais” (COPPETTI, 2007, p. 133).

Aquelas escolas que optarem por fazer parte dessa nova realidade do mundo ciberespacial numa proposta intercultural, sem dúvida encontrarão dificuldades, mas que poderão ser superadas pela persistência de um trabalho de qualidade que se adeque dentro das demandas da realidade dos nossos jovens alunos, ávidos por novidades tecnológicas e por conhecimento. Cabe aí o papel da escola inovadora e do professor mediador de encontrar estratégias que satisfaçam as necessidades e urgências curriculares, mas que também irão agregar valor às novas práticas pedagógicas, além de revelar aspectos positivos de toda essa diversidade cultural a qual vivemos, numa prática de inclusão e respeito ao diferente.

Referências bibliográficas

BORGES, Martha K. In VALLEJO, Antonio Pantoja. ZWIEREWICZ, Marlene (orgs.). **Sociedade da informação, educação digital e inclusão**. Florianópolis: Insular, 2007.

BRASIL, PCN. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro101.pdf> > **Pluralidade Cultural Orientação Sexual**. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Acesso em: 07 Jul. 2011.

CASTELLS, M. A Sociedade em Rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.



COPPETE, Maria Conceição. **Da multiculturalidade à Interculturalidade: percursos e processos.** In: VALLEJO, Antonio Pantoja; ZWIEREWICZ, Marlene. Sociedade da Informação, educação digital e inclusão. Florianópolis. Insular, 2007. p. 117-142.

DIAS, Belidson. In MARTINS, R.(org) **Visualidade e educação.** Goiânia: FUNAPE, 2008. (Coleção desenrêdos,3) Disponível em: <www.fav.ufg.br> Acesso em: 20 mai. 2011.

EVANGELISTA, Ely Guimarães dos Santos. **A UNESCO e o mundo da cultura** - Campinas, SP: [s.n.], 1999. Tese de Doutorado UNICAMP 222p. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/7353596/UNESCO-e-o-Mundo-Da-Cultura>> Acesso em 02 Jul. 2011.

FISCHER, Rosa, M. B. **Mídia, Juventude e Memória Cultural.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0329104.pdf>> Acesso em: 10 jun. 2011.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação.** Campinas, SP: Papirus, 2007.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. 263 p.

_____. **Cibercultura.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.260 p.

_____. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996. 160 p.

_____. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000. 212 p.

LOSSO, Claudia R. C; CRISTIANO, Marta A. S., LUZ FILHO, Silvio S. da. **EduBlogs: a construção e a disseminação do conhecimento de forma colaborativa e cooperativa.** In: COSTA, Edemir; RIBAS, Júlio C. C.; LUZ FILHO, Silvio S. da. **Mídia, educação e subjetividade: disseminando o conhecimento.** 1 ed. Vol. 2. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2010. p. 43-63.

LYON, David. **A Sociedade da informação.** Oeiras: Celta Editora, 1992.

MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico** 390 p., 2. Ed. São Paulo: Editora Nacional Brasil, 1977.

PALLOF, R. M. e PRATT, K. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

PÉREZ SERRANO, Glória. **Aprender a conviver en sociedades multiculturales.** Estratégias educativas. Revista Pedagogía Social. N. 14, dec, 1996. pp. 205-220.



PRENSKY, M. 2001. **Digital Natives, Digital Immigrants**. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/prensky%20-%20digital%20natives,%20digital%20immigrants%20-%20part1.pdf>> Acesso em: 20 Mai. 2011.

SANTOS, Hermílio. **Alteridade, decepção e estigma no ciberespaço: desdobramentos da interação social mediada**. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3301/2558>> Acesso em: 10 jul. 2011.

SILVA, Gilberto Ferreira. **Do Multiculturalismo à Educação Intercultural**: estudo dos processos identitários de jovens da escola pública na região metropolitana de Porto Alegre (tese de doutorado) 2001. Disponível em: <<http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/800/1/tese.pdf>> Acesso em: 20 Jul. 2011.

SHOHAT, Ella. STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica**: multiculturalismo e representação. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

XAVIER ALBÓ, S. J. **Cultura, interculturalidade, inculturação**. Colección Programa Internacional de Formación de Educadores Populares. Formação Sociopolítica e Cultural. Edições Loyola, 2005.